



Associação Nacional de Travestis e Transexuais

Rua do Gravatá 25, 3º ANDAR, Nazaré Salvador Bahia
(71) 99165 8865 \ 98633 3027
presidencia.antra@gmail.com

Ofício n.º **065/2019**

PRESIDÊNCIA DA ANTRA GESTÃO 2016 / 2020

Salvador, BA em 04 de outubro de 2019.

Ao: Ao Conselho Curador do 61º Prêmio Jabuti

Assunto: 61º Prêmio Jabuti

Prezado Conselho Curador,

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), é uma rede nacional que articula em todo o Brasil instituições que desenvolvem ações para a população de Travestis e mulheres Transexuais. A ANTRA, conjuntamente com as instituições que assinam este ofício, vem por meio deste se posicionar contrária seleção do livro *Transexualidade: O corpo entre o sujeito e a ciência*, de Marco Antonio Coutinho Jorge e Natalia Pereira Travassos como finalista ao prêmio Jabuti 2019, na categoria Ciências.

Acreditamos que o livro reforça discursos que acabam por ratificar estigmas e perpetuar abordagens prejudiciais sobre a população trans, e que de forma incorreta, possuem efeitos prejudiciais para as pessoas trans, pelos motivos que apresentaremos ao longo deste ofício.

O prêmio Jabuti é o mais renomado e tradicional prêmio literário no Brasil. Nos seus mais de 60 anos de existência, serviu para consagrar grande autores

nacionais, bem como colocar o devido holofote em novos autores que mereciam o reconhecimento. Os livros premiados entram para a história da produção literária e intelectual de nosso país, passam a ter uma circulação ampliada e junto a isso suas ideias passam a ter um alcance ainda maior. E por reconhecermos a relevância, assim como o impacto deste prêmio que hoje nos preocupamos com a indicação do livro citado. Acreditamos que ele não deveria estar entre tantas obras importantes e que enfrentam questões de forma a banir abordagens prejudiciais ou mesmo limitadas a biologia ou que cause efeito patologizante contra determinada população, especialmente por se tratar de um livro que está listado na categoria ciência.

É importante destacar que o repúdio a essa indicação não se trata de questão pessoal aos autores. Reconhecemos, inclusive, que Coutinho Jorge tem uma trajetória longa de contribuições relevantes para a psicanálise no Brasil. Todavia, mesmo pessoas que em outros momentos fizeram importantes trabalhos, e que não teríamos problemas de chamar de aliados, podem eventualmente cometer equívocos na abordagem. E assim o fazem em seu livro, infelizmente.

Após a análise detalhada da obra, percebemos que os autores possuem premissas tendenciosas que retiram a autonomia da pessoa trans sobre suas escolhas e que contrariam o entendimento da Organização Mundial de Saúde (OMS), que em 2018 reconheceu que a transexualidade não deveria ser tratada como um transtorno mental. Por essa razão, retirou essa classificação do Código Internacional de Doenças (CID), na versão mais recente XI, modificando a abordagem para possibilitar o acesso às demandas médicas que esta população necessita, exatamente no caminho oposto ao que se referem os autores, que sugerem conclusões enviesadas sobre possíveis arrependimentos ou ainda *destransição*. Isso talvez se explique por não dialogarem direta e amplamente com a literatura mais recente sobre transexualidade e mais especificamente por ignorarem por completo a produção (dentro e fora da academia) que as próprias pessoas trans tem construído.

O argumento que desenvolvem no livro parte de três premissas fundamentais: (i) que haveria uma epidemia da transexualidade na contemporaneidade; (ii) que a transexualidade seria oferecida como uma resposta fácil à pessoas com conflitos

com o sexo; (iii) e que haveria um certo pacto de silêncio sobre as consequências do processo de transição. As premissas, no entanto, são falsas.

A primeira a ser analisada é a de que haveria uma epidemia transexual. Não existem dados produzidos que possam corroborar essa afirmação. Por si só, este argumento já justificaria a sua não recomendação ao prêmio. Mesmo que aceitemos o argumento dos autores de que utilizam o termo epidemia no sentido figurado, como um fenômeno social que se espalha rapidamente, há que se perguntar: existem dados rigorosos que sustentam essa afirmação? A resposta é simples: não. Ao longo do livro e dos outros artigos científicos publicados pela dupla, não são apresentados dados que permitam sustentar essa afirmação. E este é um erro grave de ratificar uma publicação que não se vale de dados concretos ou reconhecidos. A ANTRA e as entidades que coassinam este documento tem frequentemente denunciado a falta de dados existentes sobre a população trans no Brasil e no mundo.

Os dados que existem sobre o número de procedimentos e serviços utilizados pelos autores não permitem tirar as conclusões de que há uma epidemia social de transexualidade (sic). Primeiro, pois para afirmar isso seria necessário uma longa série temporal que demonstrasse uma ampliação desproporcional nos últimos anos. Nossa série temporal é curta e não indica esse aumento desproporcional. Segundo, mesmo que existisse um aumento considerável recentemente, esse teria que ser interpretado de forma contextualizada a partir criação da política pública pública do processo transexualizador e da ainda mais recente ampliação e divulgação do serviço. Assim, ainda que hipoteticamente houvesse um grande pico nos dados, este aumento poderia ser interpretado não como uma epidemia, mas como uma população finalmente tendo acesso à uma política pública de saúde.

A premissa é ainda baseada em uma má compreensão sobre fenômenos sociais por ignorar a lógica cis-hetero-normativa que, de forma compulsória, atravessa nossa sociedade e condiciona a forma como construímos nossas identidades, com uma patrulha insistente e violenta sobre quem renuncia estes padrões. Assim, acaba sendo mais uma teoria conspiratória que paternaliza e infantiliza as pessoas trans. Novamente, e muito por influência do discurso médico, que não reconhece a autonomia e o direito de escolha das pessoas trans - inclusive de se arrependem, se for o caso. Tudo que sai de nossas bocas é visto como

palavras que não nos pertencem realmente, por trás dos nossos desejos e identidades estaria “a mídia” ou “as redes sociais” puxando os fios e influenciando nossas existências, criando esses entes quase místicos, causadores da “epidemia trans”. E nós, apenas sujeitos enganados por esses discursos e necessitados de tutela. E isso é um completo absurdo de ser sugerido ou aceito por qualquer pessoa com o mínimo de entendimento sobre as questões de gênero.

A segunda premissa, de que a transexualidade é oferecida como uma saída fácil(sic) para pessoas que experienciam não reconhecimento do gênero de nascimento ou mesmo sobre sua sexualidade, está completamente desconectada da realidade. Uma busca rápida no google mostra como a transexualidade é quase sempre associada à violência, aos assassinatos, à criminalidade, à discriminação nos mais variados ambientes e inclusive como inúmeras reportagens mostram, a dificuldade de acesso aos procedimentos do processo transexualizador. Uma aproximação mais rigorosa com a literatura científica sobre o processo transexualizador no Brasil deixaria os autores bem mais conscientes das inúmeras dificuldades em acessar esses procedimentos, o que leva muitas pessoas trans a ainda ter de buscar atendimentos clandestinos ou não especializados. Ou até mesmo, vejam bem, desistindo de suas trajetórias de vida. Não por não se reconhecerem como são, mas pelas dificuldades que enfrentam no acesso à saúde, educação, trabalho ou mesmo atendimento com profissionais qualificados.

E nos perguntamos onde estaria esta facilidade? Pessoas que avaliaram a obra, acreditam mesmo que pessoas trans seriam um exemplo de vida fácil ou menos conflituosa em nossa sociedade? Pessoas que apresentam questionamentos em relação ao gênero e sua sexualidade não recebem uma resposta simples e pronta da medicina para apaziguar suas inquietações ou sofrimento, pelo contrário, recebem por todos os lados a informação de que o caminho não será fácil e será incerto, devido a inexistência de dados conclusivos.

Talvez a histeria da contemporaneidade, que os autores pretendem identificar, não seja a transexualidade, mas o medo que pessoas cisgêneras em geral, e especialmente os discursos médicos e psicanalistas mais conservadores, com abordagens arcaicas e olhar patologizantes sobre as abordagens de gênero, têm da transexualidade. Essas pessoas parecem especialmente suscetíveis a

sugestão de que a transexualidade é uma saída fácil, mesmo quando todas as evidências, o discurso midiático e científico estão dizendo o contrário.

A terceira e última premissa de que partem é de que haveria um pacto de silêncio sobre os perigos e consequências negativas do processo transexualizador. Essa premissa, primeiro, ignora que as pesquisas científicas tendem a demonstrar um alto grau de satisfação com o processo transexualizador, que em pesquisas recentes, as taxas de arrependimento são inferiores a 2% (Cohen-Kettenis & Pfafflin), quando não são inexistentes (Krege & De Cuypere), dependendo do contexto. Outros trabalhos ainda apontam para uma efetiva melhora na vida da pessoa trans após a realização da transição, tanto do ponto de vista da saúde mental, quanto de maior integração social.

Segundo, é incorreta, uma vez que assuntos como o arrependimento são amplamente discutidos. A obsessão cisgênera com a possibilidade de arrependimento das cirurgias e a destransição está presente no discurso científico desde pelo menos a obra de Robert Stoller na década de 1960 sob o signo da busca incessante para encontrar o “transexual verdadeiro” (sic). Esse discurso tem influenciado os critérios de acesso às políticas públicas e também a forma como psicólogos e psiquiatras acompanham as pessoas trans em todo o mundo, que são insistentemente avaliadas e questionadas sobre a possibilidade de desistência ou de serem uma fraude.

Esse não é um assunto novo e silenciado, pelo contrário, é talvez um dos temas mais presentes, e amplamente discutidos. Infelizmente, porque na forma como opera rejeita a autonomia das pessoas trans a falar e decidir sobre si. Tutelando o limite do poder de escolha da própria pessoa ao saber médico, ou ainda a forma como o responsável pela abordagem clínica enxerga as questões sobre transição. Se for alguém com tendência a desacreditar nas abordagens mais atuais sobre o tema, muito provavelmente seguirá uma linha prejudicial a pessoa que está em busca de um encontro com si mesma.

Se é verdade que os autores não consideram a transexualidade como uma patologia mental, por que insistem em nos tirar do campo da razão e rejeitam a racionalidade daquilo que dizemos sobre nós? Por que insistir em tomar essa abordagem paternalista e infantilizadora das pessoas trans? Por que ignorar que as

próprias pessoas trans, no Brasil e no mundo, nos mais variados espaços de debate estão discutindo - o tempo todo - sobre as consequências do processo transexualizador no seu corpo e na sua vida, que estão discutindo inclusive sobre a destruição? Por que exigir ainda mais critérios de diagnóstico que pretere a individualidade ou autonomia dos sujeitos? Por que ignorar os efeitos positivos de transições bem sucedidas?

Por melhores que possam parecer as intenções dos autores no desenvolvimento da pesquisa, as consequências desse trabalho são graves e por isso não merece ser homenageado com o prêmio Jabuti. Como afirmou a ativista transfeminista Beatriz Bagagli, ao analisar a referida obra, o que esses psicanalistas estão fazendo é reforçar uma perspectiva *“tão prejudicial e estigmatizante para a população trans, pois oferece a legitimação do discurso de que os direitos trans estariam “indo longe demais” – quando na verdade não estaríamos nem no começo. Posicionamentos como desses dois psicanalistas conferem legitimidade a interpretações estigmatizantes sobre pessoas trans, algo muito distante da escuta atenta e ética defendida pela psicanálise”*¹.

Pelos argumentos apresentados, os signatários deste ofício vem, respeitosamente, repudiar e solicitar que o livro *Transexualidade: O corpo entre o sujeito e a ciência*, de Marco Antônio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos, seja retirado da lista indicações ao prêmio Jabuti. A indicação e a possível premiação de uma obra tão nociva à existência e aos direitos das pessoas trans, seria uma mácula na história do prêmio. Frisando que não buscamos censurar o livro e os autores, mas acreditamos que o prestígio que traz o JABUTI não deve ser atribuído a um livro que serve para corroborar com discursos e valores tão perversos em relação à transexualidade.

Assinam este ofício conjuntamente:

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)

Forum Nacional de pessoas Trans Negras (FONATRANS)

Rede Nacional de Operadores de Segurança Pública LGBTI (RENOSP_LGBTI)

¹ <https://transfeminismo.com/uma-resposta-a-marco-antonio-coutinho-jorge-e-natalia-pereira-travassos>

ODARA - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade
Associação Nacional de Juristas pelos Direitos Humanos LGBTI (ANAJUDH)
Comissão LGBT do Sindicato dos Advogados de São Paulo (SASP/LGBT)
Forum Estadual de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro (Forum TTRJ)
União de Negras e Negros pela Igualdade (UNEGRO_LGBT)
Conselho Municipal pelos Direitos da População LGBTI de Niterói (CLGBT_NIT)
Grupo de Advogados pela Diversidade Sexual e de Gênero (GADVS)
Associação Nordestina de Travestis e Transexuais (ANTTRANS)
Grupo de Gênero, Sexualidade, Corpo e Psicologia (G-Sex)
Movimento Nacional das Cidadãs Positivas (MNCP/Brasil)
Articulação de Jovens LGBTI (ArtJovemLGBT)
Instituto Brasileiro Trans de educação (IBTE)
Associação Nordestina de LGBT (ANLGBT)
Associação Brasileira de Lésbicas (ABL)
Núcleo de Apoio Psicológico (NAP-GTN)
Grupo TransDiversidade Niterói (GTN)
União da Juventude Socialista (UJS)
Associação Brasileira LGBTI+ (ABGLT)
União Nacional LGBT (UNA LGBT)
Coletivo Literário Anderson Herzer
Coletivo Xica Manicongo (PUC-RIO)
Coletivo Lamparinas (Direito UFF)
Grupo Diversidade Niterói (GDN)
TransAcessos (UNIVERSO)
Aliança Nacional LGBTI+
Frente Autônoma LGBT
Instituto Angela Leclery
Mães pela Diversidade
Grupo TransRevolução
PreparaNem Niterói
Grupo Arco Iris (GAI)
Coletivo FocaNelas
Grupo Conexão G
DIVERSITAS UFF
CasaNem/RJ